

BERNARDO JEROSCH HEROLD

Centro de Química Estrutural do Instituto Superior Técnico
Universidade de Lisboa
e
Academia das Ciências de Lisboa

**FRIEDRICH ROSEN,
ORIENTALISTA,
DIPLOMATA E POLÍTICO**

1.º COLÓQUIO

SOBRE

A GRANDE GUERRA

DE 1914-1918

11 DE NOVEMBRO DE 2015



**ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA**

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

FRIEDRICH ROSEN, ORIENTALISTA, DIPLOMATA E POLÍTICO

AUTOR

Bernardo Jerosch Herold

EDITOR

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

EDIÇÃO

Ana Salgado

ISBN

978-972-623-308-4

ORGANIZAÇÃO



Academia das Ciências
de Lisboa

Academia das Ciências de Lisboa
R. Academia das Ciências, 19
1249-122 LISBOA
Telefone: 213219730
Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt
Internet: www.acad-ciencias.pt

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2015
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor.

Friedrich Rosen, orientalista, diplomata e político¹

Bernardo Jerosch Herold
Centro de Química Estrutural do Instituto Superior Técnico
Universidade de Lisboa
e Academia das Ciências de Lisboa

Friedrich Rosen (1856-1935), mais conhecido em Portugal como o diplomata que entregou em 1916, em Lisboa, a declaração de guerra do Império alemão, foi um orientalista notável, cujas traduções alemãs de literatura medieval de autores persas continuam a ser editadas. Apresenta-se uma síntese da sua biografia, com particular ênfase na sua estada em Lisboa.

Introdução.

Ao recordar a participação de Portugal na Grande Guerra (1914-1918), quase todas as narrativas relativas aos precedentes dessa participação mencionam o apelido Rosen do diplomata que entregou, em 1916, a declaração de guerra do Império alemão ao governo de Portugal.²

No entanto, poucos saberão que Friedrich Felix Balduin Rosen (Leipzig 1856 -Pequim 1935) foi um orientalista muito distinto, cujas obras se continuam a reeditar até muito recentemente.

O presente ensaio pretende esboçar um perfil da sua personalidade, recorrendo sobretudo aos seus livros autobiográficos e dar uma ideia da sua obra de tradutor de literatura oriental, de antropólogo, arqueólogo, linguista e memorialista.

Origens familiares.³

A genealogia de Rosen revela que, através de várias gerações, os seus antepassados eram pessoas, ou muito eruditas, ou de grandes dotes artísticos. O seu avô paterno Friedrich Ballhorn-Rosen (1774-1855) foi chanceler do

¹ Comunicação proferida no 1.º Colóquio sobre a Grande Guerra de 1914-1918, na Academia das Ciências de Lisboa a 11 de novembro de 2015.

² Meneses, F. R. de, 2015 cita vasta bibliografia sobre a participação de Portugal na Grande Guerra 1914-1918, para quem queira ler uma síntese recomenda-se a publicação recente de Cardoso, R., Ramalho, M. M. e Marques R., *A Primeira Guerra Mundial*, Vol. 7, A Esfera dos Livros, Lisboa 2015.

³ Dados biográficos de “Deutsche Biographie”.

principado de Lippe-Detmold, doutorado em ciências jurídicas e tinha sido docente da Universidade de Göttingen. Já o pai, Georg Friedrich Wilhelm Rosen (Detmold 1820, Detmold 1891), foi um orientalista e diplomata que estudara as línguas persa, arménia e árabe em Leipzig e Berlim. Em 1842/43 foi enviado pela Academia de Berlim ao Cáucaso, o que o levou a publicar uma gramática da língua ossétia. Em 1844 ingressa no serviço diplomático da Prússia, iniciando a sua carreira no lugar de “dragomano” da legação da Prússia em Constantinopla.



Fig. 1. Aguarela de Serena Anna Rosen, representando rua de Jerusalém com a entrada do consulado da Prússia (entre 1853 e 1867).⁴

Os chamados dragomanos, termo derivado do árabe, exerciam no Império Otomano as funções de intérpretes oficiais das representações diplomáticas estrangeiras. No entanto, não se limitavam a traduzir as palavras dos interlocutores, porque, além do domínio das línguas, era-lhes exigido um conhecimento profundo das culturas e costumes locais. Os ocidentais que não tinham essa preparação facilmente podiam chocar involuntariamente os dignitários otomanos através de atitudes que, embora segundo os costumes ocidentais fossem perfeitamente normais, eram consideradas como ofensas graves, segundo os costumes muçulmanos. Além disso, os turcos tratavam os dignitários ocidentais com uma altivez humilhante inaceitável segundo os padrões ocidentais, pelo que estes evitavam, tanto quanto possível os encontros diretos. Como resultado, uma parte muito substancial dos contactos entre os ocidentais cristãos e os turcos muçulmanos passavam-se entre estes dragomanos e funcionários subalternos turcos. Assim, tinham uma importância crucial nas relações exteriores das legações e consulados. Muitas vezes eram eles e não os

⁴ Reproduzido de Rosen, F. 1930, p. 6/7.

chefes das missões que, na prática, conduziam as negociações. Em 1853 foi nomeado cônsul da Prússia em Jerusalém. Foi aí que o filho Friedrich Rosen passou grande parte da sua infância e adolescência. Em 1867 foi nomeado cônsul geral em Belgrado da confederação da Alemanha do Norte. Após a proclamação do 2.º Império alemão passou a ser o cônsul geral imperial. A sua observação das atividades de agentes russos nos Balcãs levou-o a escrever um relatório, em que avisava as autoridades alemãs sobre o perigo que os agentes russos ao serviço da política expansionista do império czarista constituía para a estabilidade dessa região e a própria segurança da Alemanha. Esse relatório chegou, através duma inconfidência, às mãos do czar que chamou o embaixador da Alemanha em São Petersburgo. O protesto do czar teve como consequência a aposentação compulsiva de Georg Rosen em 1875. A mãe de Friedrich Rosen, Anna Serena Moscheles, nascida em 1830 na Inglaterra, era filha do compositor checo Ignaz Moscheles. Este compositor e virtuoso de piano, hoje desconhecido do grande público, tinha sido o professor de música de Fanny e Felix Mendelssohn a quem, mais tarde, sucederia como diretor do conservatório de Leipzig e maestro da orquestra do Gewandhaus. Anna era uma pintora amadora exímia como demonstra uma aguarela duma rua de Jerusalém com a entrada do consulado da Prússia (*Fig. 1*). Faleceu em Inglaterra em 1902.

Infância e adolescência de Friedrich Rosen.⁵

Nasceu em Leipzig no ano de 1856 e foi criado em casa dos pais em Jerusalém, num ambiente multilingue, tendo assim aprendido a falar alemão, inglês, turco e árabe. Frequentou na adolescência um *Gymnasium* humanístico na Alemanha, o que acrescentou aos seus conhecimentos linguísticos o francês, latim, grego e hebraico.

Estudos universitários e atividades pós-doutorais.

Estudou sanscrito e línguas orientais modernas (turco, árabe, persa e hindustânico) nas universidades de Berlim, Leipzig, Göttingen e Paris, tendo-se doutorado em 1891. Começou por ser professor num *Gymnasium* e também foi tutor do príncipe Albrecht da Prússia. Em 1885 foi convidado por Lord Dufferin, ao tempo vice-rei da Índia, a acompanhar a viagem marítima do filho a Delhi, onde permaneceu como tutor dos filhos da família do vice-rei até 1887. No regresso da Índia, em vez de escolher o mesmo caminho que na ida, resolveu ir de navio até ao golfo da Pérsia e de aí viajar a cavalo até Teerão, de Teerão até ao mar Cáspio e voltar via Rússia à Alemanha. Aí lecionou, em Berlim, farsi e urdu no recém-fundado Seminário de Línguas Orientais. Em 1888, casa em Londres com Nina Roche (Londres 1863 – Londres 1956), pianista, também neta de Ignaz Moscheles e, portanto, prima de Friedrich Rosen.

⁵ Rosen, F. 1930.

Diplomata ao serviço do Império Alemão.⁶

Em 1890 ingressa no serviço diplomático, como aspirante de intérprete no consulado alemão em Beirute e em 1891 é nomeado dragomano na legação alemã em Teerão. Tanto nas suas viagens anteriores para a Índia, daí para a Pérsia e depois em Beirute e Teerão adquiriu conhecimentos vastos da geografia, arqueologia e das culturas desses países e aprofundou os seus conhecimentos linguísticos através do estudo das suas literaturas. A leitura das suas memórias, *Oriental Memories of a German Diplomatist*, cuja versão eletrónica digitalizada é publicamente acessível, transmite uma visão fascinante do velho Oriente, cujas civilizações ainda não tinham evoluído muito desde a Idade Média. Enquanto esteve em serviço em Beirute e Teerão e, posteriormente, ainda em Bagdad e Jerusalém dispôs de muito tempo livre, o que lhe permitiu fazer longas excursões através de desertos e montanhas e conhecer bem os costumes da sua população e os seus monumentos arqueológicos, aspetos que estão descritos de uma forma muito atraente nas suas memórias orientais.

Em Teerão conhece a sobrinha do chefe da missão britânica, uma jovem inglesa apaixonada pelo Oriente, Gertrude Bell (1868-1926)⁷, que ainda daria muito que falar, como eminente arabista, arqueóloga e agente secreta, bem como uma política. Foi muito admirada nessa altura pela sua beleza, vivacidade, inteligência e charme. Por outro lado, ela admirava a erudição e a sabedoria de Friedrich Rosen. Ambos liam e discutiam em conjunto literatura árabe e persa. Passados muitos anos após este encontro, Gertrude Bell tornou-se muito famosa por causa da sua atividade como arqueóloga e, ao mesmo tempo, agente britânica no Médio Oriente em paralelo com T. E. Lawrence: Enquanto este ficou conhecido como "*Lawrence of Arabia*", ela ficou conhecida como "*the desert queen*" ou "a mulher que inventou o Iraque". Numa fotografia muito célebre tirada no Cairo, em 1921, (*Fig. 2*), aparece ladeada por Winston Churchill e T. E. Lawrence, estando os três montados em camelos, tendo como fundo as pirâmides de Gizé. Foi, de facto, na conferência do Cairo que foram desenhadas as fronteiras da Síria, do Iraque, do Líbano e da Jordânia que ainda subsistem com pequenas diferenças até hoje. Uma das razões para mencionar aqui a amizade entre Gertrude Bell e Friedrich Rosen, é ter a oportunidade de citar algumas apreciações de Gertrude Bell acerca de Rosen. Como o presente ensaio se baseia quase só em testemunhos autobiográficos de Rosen, aquilo que Gertrude Bell escreveu à cerca de Rosen, mesmo que seja pouco, constitui um complemento importante para dar uma ideia da sua personalidade.

⁶ Rosen, F, 1930, 1931.

⁷ Howell, G. 2007.

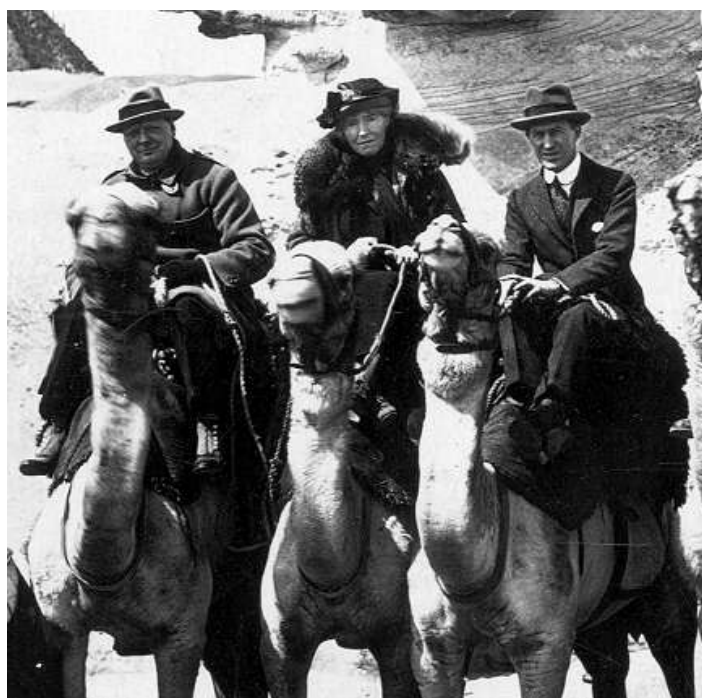


Fig. 2. Gertrude Bell ladeada por Winston Churchill e T. E. Lawrence, Cairo 1921.
Fotografia de G. M. Georgoulas.⁸

Rosen foi enviado em 1898 a Bagdad para substituir interinamente o cônsul durante 8 meses. Em 1899 é nomeado cônsul em Jerusalém, a cidade que conhecia tão bem do tempo em que o pai tinha sido cônsul da Prússia. Aí recebeu a visita de Gertrude Bell em 1899 e 1900. Gertrude e Tina, esposa de Rosen e Charlotte Roche, irmã de Tina tinham-se tornado amigas muito próximas desde que se tinham conhecido em Teerão. Gertrude utilizou os meses que esteve em Jerusalém para fazer numerosas excursões e explorações dos monumentos arqueológicos na Síria, Líbano, Jordânia e no atual território de Israel e da margem oeste. Muitas destas excursões foram acompanhadas por Rosen. Gertrude viajava a cavalo, sempre acompanhada de pesado equipamento fotográfico, conforme o estado da técnica de então. Deixou um espólio de milhares de fotografias, hoje em dia disponível eletronicamente no arquivo da Universidade de Newcastle. Entre estas também existem muitas da família Rosen. Entre as mais curiosas encontra-se uma de Friedrich Rosen fardado e a cavalo, a caminho da comemoração do aniversário do Kaiser na igreja do Redentor (evangélica alemã unida) em Jerusalém, que transmite um sabor curioso da época.

⁸ Cortesia de Newcastle University, Gertrude Bell Archive, Personalia, PERS_F_003.



Fig. 3. Friedrich Rosen em Jerusalém a caminho da celebração do aniversário do imperador Guilherme II na igreja do Redentor, dezembro 1899. Fotografia de Gertrude Bell.⁹

Apesar desta amizade entre Gertrude Bell e os Rosens, os acontecimentos internacionais fariam com que acabassem por militar em campos opostos, após a eclosão da Grande Guerra de 1914-1918. Mas, mesmo nessa altura, já se notava a crescente antipatia que os alemães suscitavam no Médio Oriente, como ilustra a seguinte citação duma carta de Gertrude Bell ao pai, um magnata da indústria siderúrgica britânica, quando ainda estava em Jerusalém como hóspede dos Rosens. Nessa altura tinham acabado de chegar as notícias das primeiras vitórias britânicas na guerra dos Boers e então comenta: *"The Arabs are delighted at the war news – all their sympathies are with us, a feeling which is much enhanced by the spreading of German influence in the Levant. They one and all hate the Germans – colonists, tourists, there is no exception; and the Emperor's visit did a good deal to strengthen their hatred. The amount of ill feeling he left behind him is almost incredible, but you may begin to understand it when I tell you that he presented all the Mohammidan [sic] officials at the Haram with imitation silver medals stamped with the cross! They look upon it as an insult."*¹⁰ A citada visita do Kaiser a Jerusalém tinha antecedido de alguns meses a nomeação de Rosen. As autoridades de Berlim devem-se ter apercebido da necessidade de ter em Jerusalém alguém com melhores conhecimentos da cultura e dos costumes orientais, sendo essa provavelmente a causa próxima da nomeação de Rosen.

⁹ Cortesia de Newcastle University, Gertrude Bell Archive, Photographs. A_080.

¹⁰ Newcastle University, Gertrude Bell Archive, Letters 2/3/1900.

Rosen na repartição dos negócios estrangeiros em Berlim.

A estadia de Rosen no Oriente, que tanto satisfazia as suas inclinações científicas, encontrou um fim abrupto quando foi chamado nos finais de 1900 a dirigir o departamento do Oriente nos Negócios Estrangeiros em Berlim (*Auswärtiges Amt*). Alongaria muito esta exposição relatar em pormenor as suas memórias dessa época, que dão uma imagem viva e bastante crítica da forma como funcionava a administração da política externa do Império alemão. A posição de Rosen no aparelho limitava muito as suas possibilidades de atuação política. Na retrospectiva que deixou nas suas interessantes memórias, em quatro volumes, dissecas as razões das disfuncionalidades do aparelho burocrático outrora dominado por Bismarck. Com o seu desaparecimento, passou a haver divergências e falta de comunicação entre o chefe da burocracia e o chanceler e, ao mesmo tempo, uma maior influência do Kaiser sobre o chanceler. Muitas informações importantes não chegavam ao chanceler e ainda menos ao Kaiser que, por outro lado, era muito influenciado pelo complexo industrial e militar, sobretudo a marinha e pelos monarcas das outras grandes potências com que tinha relações de amizade e parentesco muito próximas. No entanto, é necessário atender ao facto dessas memórias terem sido escritas depois da Grande Guerra de 1914-1918, uma altura em que houve uma grande preocupação na Alemanha em investigar as causas da guerra e em discutir se a atribuição da culpa da guerra à Alemanha, como tinha ficado escrito no Tratado de Versalhes, estava de acordo com os factos históricos ou não. Nessa perspetiva, nada seria mais natural o memorialista ter uma atitude de autojustificação. Por isso todos os testemunhos alheios, mesmo que esparsos e breves, como os de Gertrude Bell, tornam-se importantes.

Em 1904 Rosen acompanha parte da viagem oficial do Kaiser pelo Mediterrâneo. O monarca, tendo sido um importante mecenas das ciências e das artes, com uma predileção pela arqueologia, encontrou em Rosen um conversador cujos interesses científicos tinham muito em comum com os seus. Também devem ter falado de assuntos políticos, uma ocasião propícia para Rosen poder transmitir os seus pontos de vista, sem ter de seguir pela escala burocrática. A meio da viagem, o Kaiser encarregou Rosen de chefiar uma missão especial na Abissínia a realizar em 1905.

A atividade intensa de Rosen na direção do departamento do Oriente em Berlim tinha o privado de continuar as suas explorações geográficas, arqueológicas e etnográficas do Oriente, pelo que esta missão lhe causou grande alegria, como testemunha Gertrude Bell na sua correspondência de Londres: *"I flew off to see Nina [esposa de Rosen] as soon as I arrived – she is going back to Berlin tomorrow. Dr Rosen started off for Abyssinia in a transport of joy – like a child going on an outing. He is to be away about 3 months. He is in high favour with the Emperor who quotes him right and left; Rosen hat es mir gesagt. I am glad he*

has got on so well. It's a great satisfaction when the right person come to the top."¹¹

A viagem à Abissínia, tanto foi um sucesso diplomático com a assinatura de acordos comerciais, como uma exploração científica e arqueológica com resultados importantes, por a Etiópia ainda ser muito pouco conhecida na altura. Rosen menciona, nas suas memórias, entre outras coisas, o património deixado pelos portugueses na época dos Descobrimentos. Quando, no regresso voltou a ter acesso a noticiário, ficou horrorizado com a novidade do Kaiser ter, entretanto, desembarcado (contra os conselhos de Rosen) em Tânger (*Fig. 4*). Essa façanha irrefletida do Kaiser desencadeou a célebre primeira crise de Marrocos, em que a França se sentiu ameaçada nos seus interesses que, no entanto, acabaria por impor, transformando o sultanato de Marrocos primeiro em protetorado e depois em colónia, uma estratégia que foi batizada na altura como "*pénétration pacifique*". Afinal a influência de Rosen sobre o Kaiser não era tão grande como Gertrude Bell esperava. A declaração grandiloquente do Kaiser, quando recebido em Tânger: "Espero que, sob o comando do sultão, um Marrocos livre e soberano se abra à concorrência pacífica entre todas as potências europeias" não foi bem recebida pelos parceiros da *Entente cordiale* de 1904.



*Fig. 4. Desembarque do imperador Guilherme II em Tânger. Fotografia de autor não identificado, 1905.*¹²

Plenipotenciário em Marrocos e em Bucareste.

Depois desse episódio, Rosen, ainda em 1905, foi nomeado enviado extraordinário plenipotenciário em Tânger e encarregado de ir a Paris negociar com o governo francês sobre a questão de Marrocos, para conseguir que os interesses económicos alemães em Marrocos não ficassem prejudicados, o que não conseguiu. Durante essas negociações pareceu-lhe perceber que o governo

¹¹ *Newcastle University, Gertrude Bell Archive, Letters 2/1/1905.*

¹² Descarga de https://fr.wikipedia.org/wiki/Crise_de_Tanger#/media/File:Guglielmo_II_a_Tangeri_%281905%29.jpg domínio público.

francês estava a ser suportado sub-repticiamente pela Rússia e a Grã-Bretanha contra a Alemanha. Este episódio, tal como a sua atividade diplomática em Marrocos contribuíram, segundo as suas memórias, para consolidar a sua convicção de que, dada a hostilidade inevitável da França (que nunca aceitaria a anexação da Alsácia e Lorena) e o ímpeto imparável do expansionismo da Rússia czarista para ocidente, era essencial a Alemanha negociar com a Grã-Bretanha acordos que evitassem esta aliar-se à Rússia e à França. Da conferência de Algeiras em 1906 sobre o futuro de Marrocos, em que Rosen participou, a Alemanha saiu como perdedora, embora as aparências sugerissem o contrário.



Fig. 5. Friedrich e Nina Rosen com os filhos Georg e Oscar numa travessia do Mediterrâneo. Fotografia de autor não identificado, 1907, descarga da Ignaz Moscheles Gallery.¹³

Em 1910 Rosen foi nomeado plenipotenciário em Bucareste¹⁴, onde foi muito bem recebido pela família real e onde teria gostado continuar. Aí encontrou, porém, de novo, nos meios políticos dominantes, o antagonismo à Alemanha fomentado pelas pressões russas.

Plenipotenciário em Lisboa.

Para sua grande surpresa, foi nomeado em 1912 plenipotenciário em Lisboa, o que o surpreendeu desagradavelmente, uma vez que considerava o seu

¹³ Descarregado de <http://www.moscheles.org/gallery.htm>. Último acesso 5 fev. 2016.

¹⁴ Rosen, F, 1932.

papel na Roménia importante e com perspectivas de sucesso. Seria que, dadas as ligações familiares entre o Kaiser e o Czar, os seus relatórios, avisando contra o perigo do expansionismo russo teriam caído mal em Berlim? Nesse caso, seria quase uma sina familiar, uma vez que já o pai, em 1879, tinha sido aposentado compulsivamente quando tinha enviado de Belgrado avisos a Berlim do perigo que constituíam para a segurança da Alemanha as atividades de agentes russos na Sérvia.

As suas memórias de Lisboa ocupam cerca de metade do segundo¹⁴ dos quatro volumes da sua autobiografia diplomática. Seria do maior interesse traduzir os respetivos capítulos para português, pelo seu carácter espontâneo, elegante e desinteressado, aliado a um dom de observação penetrante e agudo, bem como a sua fina ironia.

A sua temporada em Lisboa deixou-lhe algumas recordações agradáveis. Instalou a legação no antigo palácio do Marquês de Pombal, na Rua do Século, paredes meias com a Academia das Ciências de Lisboa. A *Fig. 6* mostra-o sentado a uma secretária estilo D. João V. Apreciou muito os testemunhos de uma cultura multissecular, não só presentes no património monumental e artístico, mas também no carácter da sociedade. Também realça a grande afabilidade das pessoas que ia conhecendo (usa no texto alemão a expressão “cordialidade portuguesa”). Dá, nas suas memórias, uma breve introdução à história de Portugal muito lúcida, lamentando, no entanto, que as reformas iniciadas pelo Marquês de Pombal não tivessem tido a continuação de que o país necessitava.



Fig. 6. Friedrich Rosen, na sua residência na Rua do Século entre 1912 e 1916.
Fotografia de autor não identificado.¹⁵

Embora, como diplomata, representasse uma monarquia, evitou os contactos sociais com os meios monárquicos, para evidenciar que não fazia parte da sua missão imiscuir-se na política interior portuguesa. No entanto, também não se inibiu de criticar a grande instabilidade dos governos e as frequentes

¹⁵ Reproduzido de Rosen, F. 1931, p. II.

revoltas armadas e tentativas de golpes de estado, bem como dos atentados bombistas e tiroteios nas ruas de Lisboa. Observou que, muitas vezes, as famílias dos dirigentes da jovem república eram monárquicos, dando como exemplo a família do próprio presidente Arriaga. Refere-se à vida cultural portuguesa, em particular às letras, e manifesta uma grande admiração por Eça de Queiroz, considerando que, se tivesse escrito numa outra língua, como seja francês, inglês ou alemão, teria conquistado, sem dúvida alguma, um lugar entre os primeiros da literatura mundial da época. A propósito do “Mistério da Estrada de Sintra”, menciona Ramalho Ortigão que chegou a conhecer pessoalmente, uma vez que assistiu a várias sessões da Academia das Ciências para as quais fora convidado. Não deixa de observar ironicamente que a Academia das Ciências de Lisboa lhe pareceu como uma imitação em ponto pequeno da sua congénere de Paris.

Em relação à população em geral exprime uma grande simpatia, embora reconheça que, em Lisboa, também existia um subespécie particular de gente que era o alvo, com toda a razão, da caricatura certeira do “Zé Povinho”. Considerava que a existência deste sector da população, bem como a elevada quota de analfabetismo constituíam travões importantes ao desenvolvimento social, económico e político do país.

Menciona elogiosamente a existência duma comunidade significativa de alemães residentes em Lisboa, a “colónia alemã”, usando a designação corrente naquela época. Agradece aos empresários alemães mais importantes a sua colaboração, ao proporcionarem-lhe contactos e informações de natureza social e económica, necessários ao desempenho da sua missão diplomática (*Fig. 7*).



Fig. 7. Friedrich Rosen (5.º a contar da esquerda na primeira fila) num jantar de homenagem do clube alemão, fotografia de autor não identificado, Lisboa, Pátio do Pimenta, cerca de 1913.¹⁶

Revela depois, com toda a franqueza, a essência da sua missão em Lisboa. Esta relacionava-se com a existência dum tratado secreto entre a Alemanha e a Grã-Bretanha datado de 1898. Esse tratado foi firmado numa altura em que se

¹⁶ Cortesia da Igreja Evangélica Alemã de Lisboa, Arquivo Katzenstein.

receava o colapso financeiro iminente do estado português. O tratado estabelecia que, no caso de Portugal pedir um resgate acima de um certo montante, nem a Alemanha, nem a Grã-Bretanha o iriam conceder individualmente, mas apenas em conjunto. Como garantia para o empréstimo, serviriam as colônias portuguesas. Um empréstimo semelhante franco-belga, não tinha sido aceite pelo governo português, devido às suas condições demasiado gravosas. O tratado germano-britânico tinha, na sua opinião, condições menos duras em certos aspetos do que o franco-belga. Para a hipótese de Portugal não conseguir satisfazer as condições dos credores, o tratado tinha um mapa anexo (*Fig. 8*) em que se delineavam as fronteiras das zonas de influência alemã e britânica em Angola e Moçambique.

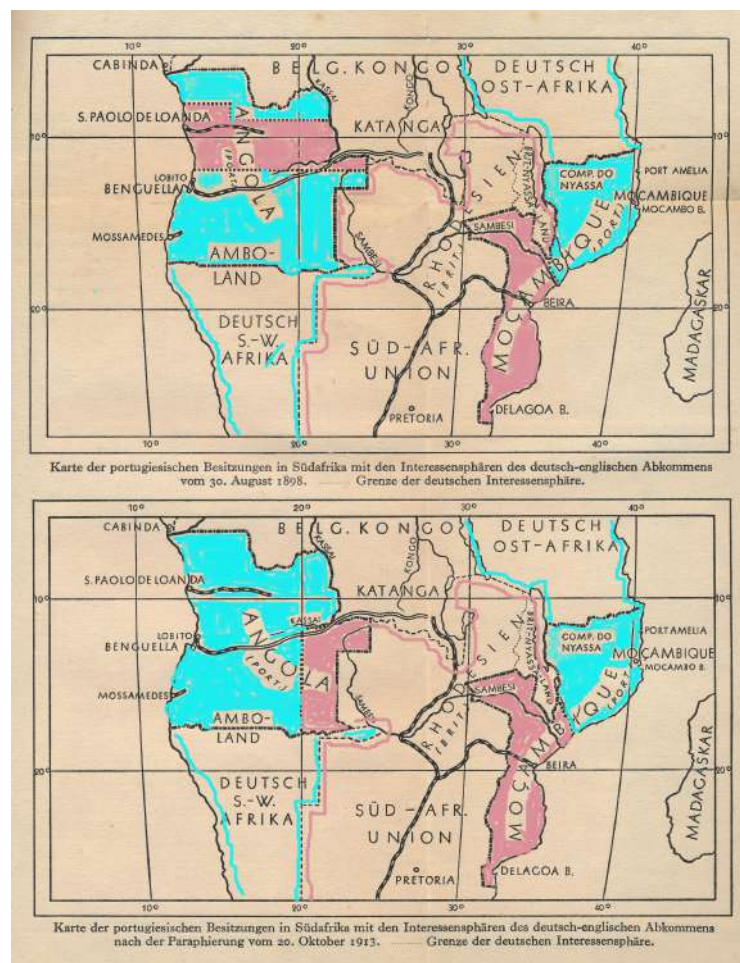


Fig. 8. Mapas anexos aos tratados germano-britânicos de 1898 e 1913. Reprodução das últimas páginas do volume II das memórias diplomáticas de Rosen.¹⁷ Coloridos introduzidos por B. J. Herold. A cor turquesa corresponde às zonas de influência alemãs e a rosa às zonas de influência britânica.

No momento em que Rosen foi colocado em Lisboa, como enviado extraordinário e ministro plenipotenciário, estava a ser renegociado entre Londres e Berlim um tratado idêntico com algumas alterações do interesse

¹⁷ Rosen, F. 1932, desdobrável no fim do livro.

comum de ambos os signatários, que acabou por ser rubricado em 1913, mas nunca chegou a ser ratificado, devido a entretanto ter eclodido a Grande Guerra de 1914-1918. Este tratado foi negociado entre as duas chancelarias, através dos embaixadores em Berlim e Londres. Rosen afirma ter sido envolvido apenas marginalmente. Menciona o facto de ter sugerido a modificação da cláusula que se referia ao eventual colapso financeiro do estado português como razão para acionar o tratado. Considerou que essa hipótese, entretanto, estava já afastada, devido à melhoria das finanças públicas portuguesas, reconhecendo o mérito de Afonso Costa, de ter conseguido reequilibrá-las, embora “à custa de algumas habilidades”. Passou a figurar no texto apenas a hipótese de Portugal não conseguir defender as fronteiras das suas colónias ou não garantir a sua segurança interna. A função principal de Rosen em Lisboa era pois criar um ambiente de confiança junto ao governo português, para que, no caso de este vir a conhecer a existência e o conteúdo dos dois tratados, as suas explicações e justificações terem melhores hipóteses de serem aceites.

É curioso verificar que Rosen e as autoridades alemãs desconheciam o conteúdo da renovação de 1899 do tratado de Windsor negociada em Londres pelo Marquês de Soveral, que implicitamente derogava o acordo germano-britânico de 1898. Rosen acabou por conhecer com grande surpresa o seu conteúdo através do ministro da Grã-Bretanha em Portugal, Sir Arthur Hardinge, passados poucos dias de o novo tratado germano-britânico ter sido rubricado em 1913. Este segundo tratado nunca chegou a ser ratificado. Uma das razões de se ter arrastado a ratificação foi a Alemanha se ter oposto à publicação, desejada por Londres, tanto do tratado de Windsor, como dos tratados germano-britânicos. Rosen atribuía uma importância política crucial, para a segurança da Alemanha, firmarem-se as convenções germano-britânicas, tanto as respeitantes às colónias portuguesas, como também outras relativas ao Médio Oriente, acerca do caminho de ferro de Bagdad. Tendo em consideração que a hostilidade da França era inevitável devido à anexação da Alsácia e Lorena e que o expansionismo russo para ocidente e sudoeste era imparável, achava que a única possibilidade de a Alemanha não vir a ser derrotada num futuro conflito, era ter a Grã-Bretanha do seu lado. Por isso fez tudo para convencer os dirigentes alemães a negociarem acordos com a Grã-Bretanha que dessem garantias de as duas potências não prejudicarem os interesses de uma e outra, mesmo que isso exigisse cedências substanciais por parte da Alemanha. Em Maio e Junho de 1914 tentou, através de memorandos e de viagens por conta própria, influenciar os acontecimentos políticos na Alemanha. Primeiro, viajou a Londres para se informar junto ao embaixador alemão, Príncipe de Lichnowsky, sobre o estado das negociações germano-britânicas. A 23 de junho de 1914, por ocasião da regata anual no rio Elba, ainda pediu para ser recebido pelo Kaiser Wilhelm II, com quem tinha uma relação muito cordial, mas na curta conversa que lhe foi facultada, não conseguiu prender suficientemente a atenção do Kaiser, para o convencer da urgência que via na ratificação do acordo germano-britânico acerca das colónias portuguesas. Profundamente frustrado voltou a Lisboa, convencido que se estava a perder uma ocasião preciosa de aliviar as tensões entre a Alemanha e a Grã-Bretanha. Daí a poucas semanas, os dois países já estavam em guerra.

Nas suas memórias, resumiu o seu pensamento sobre o insucesso da diplomacia em evitar a eclosão da Grande Guerra com a seguinte epígrafe extraída dum conto marroquino: “Uma tartaruga levou cem anos a subir um degrau. Quando conseguiu, escorregou e caiu no degrau de baixo. Disse então: Deus castigou-me por ter andado com tanta pressa.”

Nas suas memórias relata em pormenor a sua atividade em Lisboa entre a eclosão da Guerra e o momento em que recebeu instruções de Berlim de entregar ao governo português a declaração de guerra pela Alemanha. Seria muito interessante traduzir esse relato, para facilitar a sua utilização como fonte complementar de informação sobre o período apelidado por Pedro Soares Martinez, neste mesmo colóquio, como “A fase da indecisão”. Durante essa fase, Rosen revela uma preocupação crescente com a evolução da política portuguesa, com especial ênfase relativamente à revolução que, em 1915, teve como consequência a queda do governo de Pimenta de Castro (*Fig. 8*). Estava em causa, entre outras consequências, o destino dos residentes alemães em Portugal e dos seus negócios.



Fig. 8. Tiroteio na Calçada do Ferragial, revolução de 1915. Queda do governo Pimenta de Castro. Fotografia de autor não identificado.¹⁸

Conserva-se, na posse da família Jerosch-Herold, o testemunho de uma visita de Rosen com a sua família à casa de George Jerosch-Herold em Monte-Estoril, em outubro de 1914. No livro de honra das visitas, Rosen cita, na sua dedicatória, uma quadra em árabe e a sua tradução (*Fig. 9*):

¹⁸ Reproduzido de Rosen, F. 1932, p. 232/3.

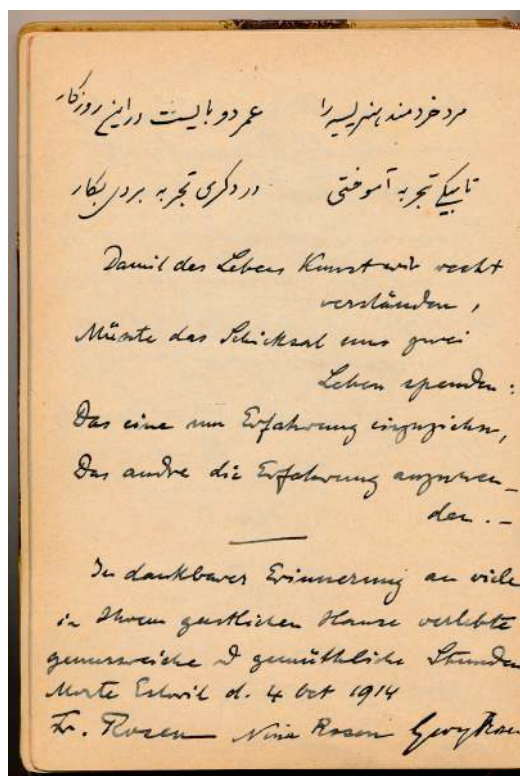


Fig. 9. Autógrafo de Rosen. Fotografia de B. J. Herold.

“Para poder entender bem a arte de viver,
o destino dever-nos-ia ter dado duas vidas:
uma para ganhar experiência
e uma outra para a aplicar.”

Nada podia exprimir melhor o estado de espírito dum diplomata, cuja já vasta experiência não tinha sido suficiente para evitar uma tragédia que se estava a avizinhar.

O que se seguiu é bem conhecido da historiografia portuguesa:

A 23 de fevereiro 1916 dá-se a tomada de posse de 35 navios mercantes alemães fundeados no Tejo, seguida, passadas poucas horas, dum protesto de Berlim, exigindo a anulação da medida.

A 9 de março de 1916 Rosen recebe a instrução telegráfica de Berlim de entregar uma declaração de guerra ao governo de Portugal, cumprida contrariadamente por Rosen, ainda no mesmo dia. Na posse de um salvo-conduto, toma o comboio para Madrid, depois de receber, na estação do Rossio, as despedidas cordiais de muitos amigos portugueses (entre eles o industrial Alfredo da Silva), de membros do corpo diplomático e os cumprimentos protocolares de representantes do governo português.

Atividade diplomática, política e científica posterior à partida de Lisboa

Os passos seguintes da sua carreira diplomática levaram-no a Madrid e Haia. Nos Países Baixos recebe o imperador Guilherme II exilado, para o qual preparou um domicílio no castelo de Doorn. Serviu de elo entre o Kaiser, em vias de abdicação, e as novas autoridades alemãs. Deve ter sido uma situação delicada, para alguém que fora e quis continuar a ser um amigo pessoal do monarca.

Em 1921 fez parte de um dos primeiros governos (gabinete Wirth) da jovem república de Weimar, como ministro dos negócios estrangeiros, governo que pediu, passados escassos meses, a demissão em protesto contra as condições impostas à Alemanha na cedência à recém-libertada Polónia de mais territórios na Alta-Silésia do que aqueles acordados no tratado de paz de Versalhes.

Uma vez aposentado, presidiu ainda a uma associação para a investigação das causas da Grande Guerra e colaborou num livro, publicado em 1925, sobre a política externa alemã desde o tratado de Versalhes. Deixou uma extensa obra autobiográfica, na sua maior parte em alemão, incluindo aquela relativa a Portugal. Tal como a maioria da ex-elite da Alemanha imperial, não parecia simpatizar com a democracia liberal da constituição de Weimar e, embora muito crítico em relação à política externa alemã, também não aceitava a atribuição da culpa exclusiva da guerra à Alemanha e seus aliados (artigo 231 do tratado de Versalhes).

Quanto à sua atuação como diplomata, político e historiador contemporâneo, o presente ensaio baseia-se quase exclusivamente nos seus livros autobiográficos. Não se pretendendo apresentar um trabalho de investigação histórica, prescindiu-se da consulta de outras fontes, sem que se deixe de reconhecer que o carácter justificativo de que padecem automaticamente as autobiografias de figuras políticas pode prejudicar o rigor científico.

O seu mérito como orientalista é, de facto, indiscutível, porque é testemunhado pelas suas obras, das quais se destaca a sua tradução das quadras de Omar Chayyam (1048-1131), o matemático, astrónomo, astrólogo, filósofo e poeta persa. Diz-se que Rosen soube fazer transparecer, na sua tradução, algo de que só foi capaz por ter atravessado os desertos em longas viagens a camelo. O ritmo doce e lento das passadas destes ter-se-ia espelhado na cadência dos versos de Omar — e Rosen teria conseguido fazê-lo permear para a sua tradução. A qualidade literária da sua tradução fez com que após a primeira edição de 1909 se seguissem várias, culminadas por uma edição mais completa, recorrendo ao manuscrito original de Rosen em 2010 (*Fig. 10*).

Foi também presidente da sociedade alemã do Oriente (*Deutsche Morgenländische Gesellschaft*).

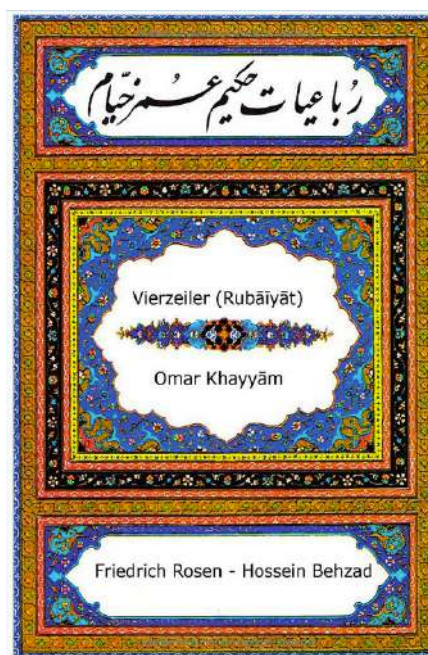


Fig. 10. Frontispício da edição de 1922 e capa da edição de 2010 da tradução de Rosen das quadras de Omar Chayyam.¹⁹

Friedrich Rosen faleceu em Pequim em 1935, em consequência duma queda. Tinha viajado até Pequim para visitar o seu filho Georg Rosen (1895-1961), ao tempo secretário da legação alemã na China. Georg Rosen mediou, em 1937, em Nanquim, durante a guerra chino-japonesa, juntamente com o comerciante de Hamburgo John Rabe (1882-1950) e o médico americano Robert Wilson, uma zona de proteção da população civil dos ataques dos soldados japoneses que salvou a vida a cerca de 250 000 chineses, epopeia que deu origem a um livro²⁰ e a um filme.²¹ Georg Rosen foi afastado do serviço diplomático por causa da sua ascendência judaica, exilou-se em Inglaterra e só regressou ao serviço diplomático da República Federal da Alemanha, a seguir à Segunda Guerra Mundial. Redescobriu então, numa caixa forte dum banco, os manuscritos, julgados perdidos, dos volumes III e IV das memórias do pai que não puderam ser publicadas durante a vigência do regime nazi, “por estes estarem mais interessados em mitos do que em factos”, nas palavras de Friedrich Rosen.²²

¹⁹ Imagens descarregadas de <http://menadoc.bibliothek.uni-halle.de/ssg/content/pageview/1087285> e de http://www.amazon.de/Vierzeiler-Rubaiyat-Omar-Khayyam/dp/3869316225#reader_3869316225 respetivamente.

²⁰ Wickert, E. 1997.

²¹ Filme estreado em 2009, dirigido por Florian Gallenberger. Apresentação em <http://www.johnrabe.de/>.

²² Rosen, F. 1959.

Agradecimentos

Agradeço aos ouvintes da minha comunicação, professores Rui Teives Henriques do Instituto Superior Técnico e Armando Tavares da Silva da Universidade de Coimbra os seus valiosos comentários e sugestões, bem como, ao meu irmão Ernesto Jerosch-Herold, o empréstimo do livro de visitas do nosso tio-avô George Jerosch-Herold.

Bibliografia.

1. Autobiografia de Rosen:

Rosen, F. *Oriental Memories of a German Diplomatist*. Methuen & Co. Ltd., London 1930. <http://menadoc.bibliothek.uni-halle.de/ssg/content/titleinfo/1000360>.

Rosen, F. *Aus einem diplomatischen Wanderleben*, Bd. 1, *Auswärtiges Amt, Marokko*, Berlin, Transmare Verlag, Berlin 1931.
<http://menadoc.bibliothek.uni-halle.de/ssg/content/titleinfo/965749>.

Rosen, F. *Aus einem diplomatischen Wanderleben*, Bd. 2, *Bukarest, Lissabon*, Berlin, Transmare Verlag, Berlin 1932.
<http://menadoc.bibliothek.uni-halle.de/ssg/content/titleinfo/966191>.

Rosen, F. *Aus einem diplomatischen Wanderleben*, Bd. 3, *Ende des Kaiserreichs*/Bd. 4, *Weimarer Republik*, Limes-Verlag, Wiesbaden 1959. Prefaciado por uma síntese da biografia de Rosen por H. Müller-Werth.

2. Outra biografia de Rosen:

Müller-Werth, H., Elz W. Rosen, *Friedrich Felix Balduin* in: *Neue Deutsche Biographie* 22 (2005), S. 52-53 [Onlinefassung]; URL: <http://www.deutsche-biographie.de/pnd118749730.html>.

3. Algumas outras obras de Friedrich Rosen:

As mencionadas por Müller-Werth H. e Elz, W. *loc. cit.* e Rosen, F. (tradutor), *Die Sinnsprüche Omars des Zeltmachers. Rubaiyat-i-Omar-i-Khajjam*. Deutsche Verlags-Anstalt, Stuttgart und Leipzig 1909.

Rosen, F. (tradutor), *Die Sinnsprüche Omars des Zeltmachers*. 5. vermehrte Auflage, Deutsche Verlags-Anstalt, Stuttgart und Leipzig 1922.
<http://menadoc.bibliothek.uni-halle.de/ssg/content/titleinfo/1031568>.

Omar Khayyam: *Vierzeiler (Rubā'iyāt)* übersetzt von Friedrich Rosen mit Miniaturen von Hossein Behzad. Epubli, Berlin 2010. ISBN 978-3-869-31622-2.

4. Biografia e documentação relativa a Gertrude Bell:

Howell, G. *Daughter of the Desert, The remarkable life of Gertrude Bell*, PAN Books, London 2007, ISBN 978-0-330-43157-6.

The earlier letters of Gertrude Bell, Ernest Benn, Ltd., London 1937.

The letters of Gertrude Bell, vol. 1, vol. 2, Ernest Benn, Ltd., London 1927.

Correspondência, cartas, fotografias da autoria de Gertrude Bell e outras acessíveis online em *Newcastle University, Gertrude Bell Archive*, <http://www.gerty.ncl.ac.uk/>.

5. Idem relativa a Georg Rosen:

Wickert, E. (ed.), *Rabe, John. Der gute Deutsche von Nanking*. Deutsche Verlags-Anstalt, Stuttgart, 1997 (diários de Rabe). 443 páginas. ISBN 3421050988.

6. Sobre a política de Portugal na grande guerra de 1914-18:

Meneses, F. Ribeiro de, *A Grande Guerra de Afonso Costa*, Publicações D. Quixote, Alfragide 2015. 257 páginas, ISBN 978-972-20-5877-3.

7. Sobre a Prússia e as origens da grande guerra:

Clark, C. *Iron Kingdom, The rise and downfall of Prussia 1660-1947*, Penguin Books, London 2007(2006). ISBN 978-0-140-29334-0.

Clark, C. *The Sleepwalkers, how Europe went to war in 1914*. Penguin Books, London 2013 (2012), ISBN 978-0-141-02782-1.

McMeekin, S. *The Russian origins of the first world war*. Harvard University Press, Cambridge, Mass. 2011. ISBN 978-0-674-06210-8.